

**MINISTÉRIO DA DEFESA
COMANDO DA AERONÁUTICA**



SEGURANÇA

ICA 205-45

**PLANEJAMENTO DE SEGURANÇA DAS
INSTALAÇÕES**

2021

MINISTÉRIO DA DEFESA
COMANDO DA AERONÁUTICA
COMANDO DE PREPARO



SEGURANÇA

ICA 205-45

**PLANEJAMENTO DE SEGURANÇA DAS
INSTALAÇÕES**

2021



MINISTÉRIO DA DEFESA
COMANDO DA AERONÁUTICA
COMANDO DE PREPARO

PORTARIA COMPREP Nº 263/COMPREP, DE 26 DE JULHO DE 2021.

Protocolo COMAER nº 67200.005192/2021-06

Aprova a reedição da ICA 205-45
“Planejamento de Segurança das
Instalações”.

O COMANDANTE DE PREPARO, no uso de suas atribuições e de acordo com o que lhe confere o Artigo 9º, inciso I do ROCA 20-13, "Regulamento do Comando de Preparo", aprovado pela Portaria nº 1.799/GC3, de 7 de novembro de 2018, publicada no Boletim do Comando da Aeronáutica nº 198, de 13 de novembro de 2018, resolve:

Art. 1º Aprovar a reedição da ICA 205-45 “Planejamento de Segurança das Instalações”, que com esta baixa.

Art. 2º Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Art. 3º Fica revogada a Portaria COMGAR nº 46/SCAP-17, de 2 de abril de 2013, publicada no Boletim do Comando da Aeronáutica nº 078, de 24 de abril de 2013.

Ten Brig Ar SÉRGIO ROBERTO DE ALMEIDA
Cmt do COMPREP

(Publicado no BCA nº 140, de 30 de julho de 2021)

SUMÁRIO

1 DISPOSIÇÕES PRELIMINARES.....	9
1.1 <u>FINALIDADE</u>	9
1.2 <u>CONCEITUAÇÕES, SIGLAS E ACRÔNIMOS</u>	9
1.3 <u>ÂMBITO</u>	10
2 PLANEJAMENTO DE SEGURANÇA DAS INSTALAÇÕES.....	11
2.1 <u>GENERALIDADES</u>	11
2.2 <u>DIRETRIZES DE SEGURANÇA DAS INSTALAÇÕES</u>	11
2.3 <u>GERENCIAMENTO DE RISCOS DE SEGURANÇA DAS INSTALAÇÕES</u>	12
3 ESTUDO DO CENÁRIO.....	13
3.1 <u>VARIÁVEIS INTERNAS</u>	13
3.2 <u>VARIÁVEIS EXTERNAS</u>	14
4 PERCEPÇÃO DE RISCOS À SEGURANÇA DAS INSTALAÇÕES.....	16
4.1 <u>RISCOS À SEGURANÇA DAS INSTALAÇÕES</u>	16
4.2 <u>IDENTIFICAÇÃO DE AMEAÇAS</u>	17
4.3 <u>IDENTIFICAÇÃO DE VULNERABILIDADES</u>	18
5 AVALIAÇÃO DOS RISCOS.....	20
5.1 <u>PROBABILIDADE DE CONCRETIZAÇÃO DOS RISCOS</u>	20
5.2 <u>DIMENSIONAMENTO DOS DANOS</u>	21
6 MEDIDAS DE SEGURANÇA DAS INSTALAÇÕES.....	22
7 OPERACIONALIZAÇÃO E CONTROLE.....	23
7.1 <u>DECISÃO</u>	23
7.2 <u>IMPLANTAÇÃO E VALIDAÇÃO</u>	23
7.3 <u>AVALIAÇÃO E APRFEIÇOAMENTO</u>	23
8 DISPOSIÇÕES FINAIS.....	25
REFERÊNCIAS.....	26
ANEXO A - MATRIZ DE GERENCIAMENTO DE RISCO.....	27
ANEXO B - FICHA DE MEDIDAS DE SEGURANÇA DAS INSTALAÇÕES - FMSI	28
ANEXO C – FICHA DE PREVENÇÃO DE RISCO DE SEGURANÇA DAS INSTALAÇÕES.....	29
ANEXO D - RELATÓRIO DE VULNERABILIDADES.....	31

PREFÁCIO

A Segurança das Instalações é uma Ação de Força Aérea prevista na Doutrina Básica da Força Aérea Brasileira. Seu planejamento deve ter por base a correta identificação das ameaças e vulnerabilidades, a fim de que seja corretamente avaliado o risco e selecionadas as medidas mais eficazes a sua tempestiva eliminação ou redução a níveis aceitáveis.

Esta norma tem por objetivo orientar e padronizar o planejamento de Segurança das Instalações com vistas ao gerenciamento dos riscos, na elaboração das soluções de Segurança das Instalações.

Solicita-se aos usuários deste documento que apresentem sugestões no intuito de aperfeiçoá-lo. Estas deverão ser encaminhadas à Subchefia de Segurança e Defesa do Comando de Preparo, acompanhadas dos comentários apropriados ao seu entendimento ou justificação.

1 DISPOSIÇÕES PRELIMINARES

1.1 FINALIDADE

Estabelecer os procedimentos relativos ao planejamento da atividade de Segurança das Instalações (Seg Inst).

1.2 CONCEITUAÇÕES, SIGLAS E ACRÔNIMOS

A interpretação do significado da terminologia empregada deve ser feita de acordo com o consagrado no vernáculo, na DCA 1-1 Doutrina Básica da Força Aérea Brasileira (Volumes 1 e 2), no MD35-G-01 Glossário das Forças Armadas, no MCA 10-4 Glossário da Aeronáutica ou como definido abaixo.

1.2.1 ACENTUAÇÃO PERCEPTIVA

Alteração da percepção para maior, em função do valor subjetivo do objeto.

1.2.2 DEFESA PERCEPTIVA

Alteração da percepção para menor, em virtude da ação de mecanismos de negação ou repressão inconsciente da realidade, quando esta representa problemas ou notícias desagradáveis.

1.2.3 HEURÍSTICAS

As heurísticas são métodos céleres de conclusão; atalhos do processo cognitivo aos quais recorre o ser humano nas situações de pressão do tempo ou pouca informação sobre o assunto a respeito do qual deve emitir julgamentos. São relacionadas às distorções da percepção, com destaque para:

- falso consenso;
- percepção seletiva (relacionada à acessibilidade ou conhecimento);
- efeitos de halo e de padrão (relacionados ao uso de pontos de referência); e
- estereótipo (relacionado à representatividade).

1.2.4 TEORIA DAS NECESSIDADES DE MASLOW

Teoria elaborada por Abraham Maslow, segundo a qual as necessidades humanas hierarquizam-se em cinco grupos, partindo das básicas, ou primárias, até as mais elevadas, ou secundárias:

- a) **Fisiológicas**: relacionam-se com a própria subsistência. Caracterizam-se, principalmente, pela premência, ou seja, dominam a direção do comportamento, se não atendidas;
- b) **Segurança**: proteção contra qualquer perigo real ou imaginário, físico ou abstrato. Busca de uma realidade ordenada e previsível;

- c) **Sociais**: busca de interação social, amizade, amor. Indicam a realização, ao menos parcial, das necessidades básicas (fisiológicas e de segurança);
- d) **Estima**: relaciona-se à autoestima e autoavaliação. Envolve aprovação e reconhecimento social, prestígio, reputação, etc; e
- e) **Autorrealização**: levam o indivíduo ao desenvolvimento do seu potencial e à realização contínua. Envolve desenvolvimento pessoal, sucesso profissional, independência e realização plena.

1.2.5 ÁREA SENSÍVEL

Espaço ou área territorial no interior de uma OM, com perímetro claro e definido, que contenha Pontos Sensíveis isolados ou infraestruturas e equipamentos, ou combinação dos mesmos, que por suas naturezas e funcionalidades, se danificados, total ou parcialmente, reduzirão a capacidade operacional da OM.

1.2.6 PONTO SENSÍVEL

Instalação ou Infraestrutura, ou combinação dos mesmos, que por suas naturezas e funcionalidades, se danificados, total ou parcialmente, reduzirão a capacidade operacional da OM.

1.2.7 PONTO CRÍTICO

Núcleo de um Ponto Sensível que por sua natureza e funcionalidade, se danificado, total ou parcialmente, paralisará a capacidade operacional da OM.

1.2.8 PONTO DE INTERESSE

Instalação ou Infraestrutura, ou combinação dos mesmos, que por suas naturezas e funcionalidades, se danificados, total ou parcialmente, impactarão na efetividade da capacidade de suporte ao cumprimento da missão da OM.

1.2.9 PSOD

Plano de Segurança Orgânica e Defesa.

1.2.10 SISI

Sistema Integrado de Segurança das Instalações

1.3 ÂMBITO

Esta publicação aplica-se a todas as Organizações Militares (OM) do COMAER, por meio do Sistema de Segurança e Defesa do Comando da Aeronáutica (SISDE).

2 PLANEJAMENTO DE SEGURANÇA DAS INSTALAÇÕES

2.1 GENERALIDADES

A Ação de Segurança das Instalações está sustentada em três pilares básicos: a Infraestrutura de Segurança, a Segurança Eletrônica e a Equipe de Reação, que devem ser apoiadas pela Inteligência, por uma estrutura de Comando e Controle baseada na Tecnologia da Informação e por uma efetiva rede de comunicações.



Figura 1 - Representação do conceito de Segurança das Instalações

O planejamento de Segurança das Instalações retrata a execução do processo preconizado para o Gerenciamento dos Riscos de Segurança das Instalações, de forma que as Organizações do COMAER possam adotar medidas adequadas e suficientes à eliminação ou mitigação dos riscos.

O estabelecimento de medidas adequadas de Seg Inst só será possível se baseado em um contínuo e meticuloso trabalho de planejamento, alicerçado em um método que proporcione o estudo minucioso das variáveis intervenientes e possibilite o gerenciamento do risco oferecido aos objetos da Segurança das Instalações.

O resultado desse planejamento fornecerá os dados que, adequadamente processados, transformar-se-ão em informações relevantes para a elaboração do PSOD, bem como fundamentarão a elaboração do projeto do SISI.

2.2 DIRETRIZES DE SEGURANÇA DAS INSTALAÇÕES

As diretrizes que orientam a Ação de Seg Inst são traduzidas pela legislação atinente, militar e civil, e pelas ordens específicas, em todos os níveis de planejamento. Constituem fonte basilar para as medidas a serem implementadas.

2.3 GERENCIAMENTO DE RISCOS DE SEGURANÇA DAS INSTALAÇÕES

Considera-se Gerenciamento de Riscos de Segurança das Instalações a forma estruturada de percepção e avaliação dos riscos de Seg Inst, bem como a adoção das medidas mais eficientes para a sua eliminação ou acentuada redução.

Será adotada a Matriz de Gerenciamento de Riscos (Anexo A) como ferramenta para o gerenciamento de Riscos de Segurança das Instalações.

O gerenciamento de riscos de Seg Inst é tarefa de significativa complexidade, razão pela qual deve obedecer a um faseamento lógico que visa ao levantamento e à análise de todas as variáveis intervenientes, com vistas à conclusão pela linha de ação mais adequada.

Constituem fases do planejamento:

- Estudo do Cenário;
- Percepção de Riscos à Segurança das Instalações;
- Avaliação dos Riscos;
- Formulação de Medidas de Segurança das Instalações; e
- Operacionalização e Controle.

A conclusão de todas as fases do planejamento de Seg Inst resultará na entrega do Relatório de Vulnerabilidades (Anexo D), no qual constarão todas as medidas necessárias e adequadas à execução da Ação de Seg Inst em proveito da OM analisada.

3 ESTUDO DO CENÁRIO

Esta etapa deve ser constantemente revista e atualizada, de modo a evitar qualquer distorção. Tem por objetivo o levantamento das variáveis internas e externas e a maneira como influenciam a Segurança das Instalações.

As características do meio mudam com celeridade, o que implica na constante necessidade de percepção e adaptação. É importante a avaliação das possibilidades de evolução de todas as variáveis e sua interveniência sobre a Segurança das Instalações.

3.1 VARIÁVEIS INTERNAS

O levantamento e descrição das variáveis internas visa ao conhecimento dos fatores intervenientes na Seg Inst característicos da região, das instalações, ponto ou área de interesse ou, ainda, inerentes às atividades desempenhadas.

O nível de planejamento determina o tipo e a profundidade dos aspectos tratados nas variáveis internas. Entretanto, é indispensável que seja assinalada a importância e a forma como interferem na Segurança das Instalações.

Exemplos de variáveis internas		
localização	histórico	missão
estrutura organizacional e funcional	leiaute das edificações	atividades desenvolvidas em cada edificação
horários de expediente e turnos de trabalho	efetivo militar e civil por setor e turno de trabalho	serviços terceirizados
acessos e corredores de mobilidade	movimentos de pessoas e veículos	controles de acesso
sistemas de monitoramento, alarme e registro	dispositivos de prevenção, detecção e combate a incêndios	procedimentos operacionais e administrativos (NPA em vigor)
histórico de ocorrências de ilícitos	capacitação profissional do efetivo	existência de programas voltados à Seg Inst
previsão de mudanças de normas operacionais	existência de meios redundantes ou alternativos	expansões e alterações previstas para a OM

Uma prática recomendável é organizar todos os pontos, instalações e infraestruturas numa tabela, com o objetivo de identificar suas relações com a missão da OM e possibilitar a adequada classificação. Esta análise de dados, embora inicialmente trabalhosa, poupará tempo e permitirá, por ocasião da montagem da Matriz de Gerenciamento de Riscos, o emprego eficaz das informações compiladas.

Exemplo de análise de Pontos e Instalações

Nome do Ponto	Meio de Proteção	Situação em Inoperância/Dano/Violação	Medida alternativa	Classificação
Hangar de guarda de aeronaves ¹	Portões com trancas	Prejuízo na guarda e proteção das aeronaves / exposição a danos nas aeronaves	Transferência das aeronaves para outro local	Sensível
Aeronaves ²	Hangar de guarda de aeronaves	Paralisação da atividade aérea	Não há	Crítico
Rancho ³	Cerca perimetral e portão com tranca	Perda ou redução da capacidade de suporte de alimentação ao efetivo - Flexibilização de expediente	Solicitação de UCI, Desarranhamento ou ativação de FALERT	Interesse

¹Neste exemplo, a missão da UAe será impactada e, no caso de danos às aeronaves, ocorrerá prejuízo à operacionalidade.

² Neste caso, as aeronaves constituem o núcleo crítico do Ponto Sensível Hangar. Elas não representam uma instalação, mas um equipamento essencial ao cumprimento da missão da UAe. Nem todo Ponto Sensível terá um Ponto Crítico bem definido. Também é importante ter em mente que as mitigações do Ponto Crítico acabam também por contribuir para a mitigação do Ponto Sensível ao qual pertence.

³Nesta situação, perde-se suporte para a missão da OM, no entanto sem impactar decisivamente na operacionalidade. No entanto, se o ponto estiver se referindo a uma OM cuja missão seja prestar apoio administrativo, a classificação será mais relevante.

Observe que nesta fase do planejamento ainda não se pensa no risco, mas sim na priorização e quantificação da importância absoluta ou relativa das instalações e infraestruturas, sempre em função da missão da OM.

3.2 VARIÁVEIS EXTERNAS

O levantamento e descrição das variáveis externas visa ao conhecimento da interação existente entre a OM, área ou ponto julgado de interesse e as condições do meio em que está envolvida. Considera os seguintes aspectos, se for o caso, no nível de profundidade em que influam na Segurança das Instalações.

3.2.1 CONDIÇÕES AMBIENTAIS

- Terreno: relevo, vegetação, hidrografia, vias de acesso, natureza do solo, observação e campos de tiro, edificações, acidentes capitais, etc.
- Meteorologia: temperatura, umidade, nebulosidade, precipitações, salinidade, ventos predominantes, alvorecer e crepúsculo, fases e horários lunares, etc.

3.2.2 SITUAÇÃO LOCAL DAS EXPRESSÕES DO PODER NACIONAL

Expressões	Exemplos
MILITAR	Composição dos órgãos que poderão constituir forças de cooperação; grau e tipo de relacionamento com as forças de cooperação; atuações conjuntas e grau de confiabilidade.
POLÍTICA	Distribuição do poder na região e postura política dominante; lideranças políticas, comunitárias e de associações; grau de envolvimento e atitudes da população local em relação aos assuntos políticos e postura da imprensa.
ECONÔMICA	Aspectos que possam gerar tensões sociais, tais como atividades econômicas mais significativas na região; renda <i>per capita</i> ; estrutura de distribuição da renda e taxa de desemprego.
PSICOSSOCIAL	Influências históricas e culturais; características dos públicos interno e externo, tais como hábitos, gostos, atitudes, valores, crenças, temores, símbolos, aspirações, suscetibilidades, religião predominante, costumes, dados demográficos, étnicos, grau médio de escolaridade, etc; consonâncias e dissonâncias entre as características dos públicos interno e externo e opinião pública em relação às FFAA, à OM e às atividades desenvolvidas.
CIENTÍFICO-TECNOLÓGICA	Suficiência da infraestrutura educacional, de pesquisas técnicas e científicas e grau de dependência tecnológica da região.

4 PERCEPÇÃO DE RISCOS À SEGURANÇA DAS INSTALAÇÕES

4.1 RISCOS À SEGURANÇA DAS INSTALAÇÕES

Constitui risco à Segurança das Instalações o potencial imediato ou remoto de deterioração total ou parcial das atividades, recursos ou sistemas sob responsabilidade do COMAER, incluídas as baixas humanas ou materiais e os danos ao patrimônio (inclusive à imagem), por meio da superação dos recursos ou exploração das vulnerabilidades de Seg Inst.

A consolidação dos aspectos levantados no estudo das variáveis internas e externas do cenário; a utilização de documentos de Inteligência, listas de verificação (checklist), pesquisas de opinião, análise das cartas, plantas baixas, fotografias e croquis das instalações, constituem excelentes meios para a identificação dos fatores de risco.

A percepção dos riscos deve, tanto quanto possível, considerar aspectos objetivos, tais como o histórico de ocorrências, estatísticas, comparações com modelos semelhantes etc. Contudo, como as informações dificilmente abrangem toda a gama de riscos, torna-se fundamental a cautela com os fatores de influência na percepção, tais como a **acentuação perceptiva**, a **defesa perceptiva** e as **heurísticas**, principalmente quanto à correta identificação de áreas e pontos.

Não raro, esses conceitos apresentam-se no planejamento de maneira mais presente nas seguintes formas:

a) Acentuação Perceptiva: quando atribuímos aos pontos de interesse, sensível e crítico a mesma importância, nivelando-os por cima, principalmente ao confundirmos sua relevância funcional com a criticidade em relação ao impacto no cumprimento da missão da OM (Ex: a sala do Comandante não é um ponto crítico, pois o mesmo poderá operar de outro local com impactos mínimos à missão da OM);

b) Defesa Perceptiva: quando evitamos a adoção de uma medida mitigadora por acreditar que nunca acontecerá ou pelas consequências desagradáveis que possa advir. (Ex: permitir a entrada, trânsito ou assentamento de pessoas estranhas à rotina do local, em área sob jurisdição da OM, por entender que os riscos são desprezíveis ou para não confrontar a opinião pública); e

c) Heurísticas: quando não processamos adequadamente os dados relacionados à Seg Inst, de maneira a produzir uma informação útil, vindo a comprometer o julgamento. (Ex: deixar de apreciar históricos de ocorrências e quantificar a importância do que proteger, de modo a empregar os recursos adequadamente dimensionados).

A percepção dos riscos deve ser realizada por pessoas capacitadas a identificar seus fatores componentes, quais sejam: **ameaças** e **vulnerabilidades**, bem como a forma como estes interagem.

À medida em que forem percebidas, as ameaças, as vulnerabilidades e os riscos devem ser lançados em seus respectivos campos na Matriz de Gerenciamento de Riscos de Seg Inst (Anexo A), para posterior avaliação e solução, que constarão do Relatório de Vulnerabilidades (Anexo D).

4.2 IDENTIFICAÇÃO DE AMEAÇAS

Considera-se ameaça a possibilidade de que um ator capaz, sob adequada motivação, intente ações antagônicas à Segurança das Instalações.

As **ameaças** à Seg Inst devem, portanto, ser consideradas quanto aos **atores capazes, motivações e ações antagônicas** que a caracterizam, sendo importante ressaltar que as diversas combinações destes componentes originam ameaças diversas e que estas, diante de diferentes vulnerabilidades, podem constituir diferentes riscos.

4.2.1 ATORES CAPAZES

São tidos como atores capazes a **pessoa ou grupo com capacidade de concretizar uma ameaça à Segurança das Instalações**. Para efeito desta norma, são assim considerados.

4.2.1.1 Público Interno

O público interno é constituído pelos militares e funcionários civis integrantes do COMAER, ativos ou inativos, bem como seus respectivos dependentes e pensionistas.

A incidência de recrutamento de integrantes do público interno por organizações criminosas, bem como a infiltração de elementos destas organizações no efetivo incrementa a necessidade de acompanhamento permanente das ações, uma vez que o envolvimento do público interno em ilícitos, além de repercutir desfavoravelmente na imagem do COMAER perante a opinião pública, expõe as OM a riscos inaceitáveis.

4.2.1.2 Público Externo

O público externo é constituído por todos os nacionais e estrangeiros que não integram o público interno, bem como as organizações a que pertençam, desde que não se caracterizem como forças adversas ou oponentes.

Incluem-se no público externo cessionários, fornecedores e demais elementos ou organizações que possuam vínculos com o COMAER.

4.2.1.3 Forças ou Elementos Adversos

As forças ou elementos adversos são caracterizadas por dois segmentos:

a) organizações ou elementos criminosos nacionais e transnacionais, dedicados à prática de ilícitos graves; e

b) grupos com ou sem cunho ideológico que atuem no País ou no exterior, ou, ainda, segmentos autônomos, elementos radicais infiltrados ou a estes vinculados, que defendam mudanças radicais que ultrapassem os limites da legalidade institucional do estado democrático de direito em suas ações, programas e bases doutrinárias, cujos procedimentos ilegais possam ameaçar a Seg Instalações.

4.2.1.4 Forças ou Elementos Oponentes

As forças ou elementos oponentes são as forças regulares ou paramilitares estrangeiras que, conforme as Hipóteses de Emprego, possam caracterizar o inimigo.

4.2.2 MOTIVAÇÕES

Motivação é o processo intrínseco (vontade) ou extrínseco (estímulos ambientais), consciente ou não, que, a partir da relação entre as necessidades internas, o ambiente, e o objeto da satisfação, impulsiona o ator capaz a um comportamento específico.

Por serem peculiares a cada indivíduo, variáveis como valores, necessidades internas e intelectualidade, dentre outras, diferenciam os comportamentos originados, apesar da semelhança do processo motivacional para todas as pessoas.

As teorias mais aceitas sobre motivação relacionam-na com as necessidades não satisfeitas, e as apontam como principais responsáveis por dirigir o comportamento para objetivos pessoais. Dentre estas teorias, destaca-se a formulada por Abraham Maslow (Teoria das Necessidades de Maslow), segundo a qual as necessidades estruturam-se de forma hierárquica em um processo dinâmico por meio do qual séries contínuas de necessidades, na medida em que são substancialmente satisfeitas, extinguem a motivação do indivíduo.

As motivações mais comuns verificadas nos agentes capazes, independente de sua importância são: dinheiro, sexo, falta de afeto, busca de poder, ideologia, avareza, doença, ego, ódio, fuga, desejo de aventura, ingratidão, psicopatias, álcool, drogas, narcisismo, cobiça, vingança, raiva e insatisfação.

No entanto, por ocasião do planejamento de Seg Inst, outras motivações poderão ser consideradas aptas para análise, inclusive detalhadas, não se restringindo apenas aos exemplos constantes desta Instrução.

Especial atenção deve ser dada ao conhecimento produzido por meio da atividade de inteligência, que poderá delimitar de maneira mais precisa as intenções de atores capazes e suas respectivas ações antagônicas.

4.3 IDENTIFICAÇÃO DE VULNERABILIDADES

Consideram-se vulnerabilidades de Segurança das Instalações as condições que possibilitem ou facilitem, direta ou indiretamente, a execução de ações antagônicas à Seg Inst por atores capazes.

A identificação das vulnerabilidades é fruto de uma postura crítica e isenta que confronta os atores capazes, motivações e ações antagônicas com as condições de Seg Inst vigentes.

A abordagem das vulnerabilidades deve considerar, ainda, o fator oportunidade, caracterizado pela existência de um momento específico, ou janela temporal, que permite condições favoráveis a um ator hostil, de modo a agir com maior probabilidade de sucesso.

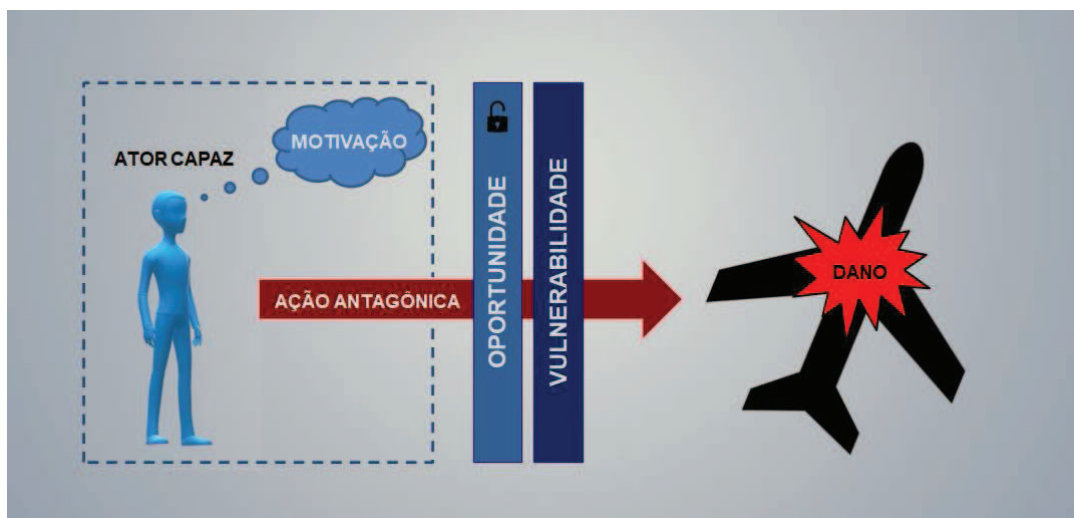


Figura 2 – Componentes do risco

Ademais, é de extrema relevância, por ocasião do processo de planejamento de Seg Inst, estabelecer a relação da vulnerabilidade com a importância do meio a ser protegido, guardando o cuidado de não incorrer na **Defesa Perceptiva**, haja vista que, algumas vezes, as medidas que serão empregadas para neutralizar o risco são mais dispendiosas do que o bem a proteger, ou até mesmo empregam recursos, que pelo seu alto valor agregado, aumentam a motivação de um possível ator capaz, só que agora por interesse nos meios empregados para a mitigação do risco.

5 AVALIAÇÃO DOS RISCOS

A avaliação dos riscos por meio de metodologia adequada constitui a próxima etapa do processo, possibilita a sua classificação e tem por objetivo minimizar distorções comuns à percepção, que geram repercussões indesejáveis ao processo decisório, caracterizadas por excessos ou ineficácia das soluções escolhidas.

A avaliação de riscos à Segurança das Instalações é feita pela integração da probabilidade de concretização do risco e do dimensionamento do dano que poderá advir. Esta avaliação também compõe a Matriz de Gerenciamento de Riscos de Segurança das Instalações e terá impacto direto na decisão sobre as medidas a adotar e respectivos prazos de implantação.

5.1 PROBABILIDADE DE CONCRETIZAÇÃO DOS RISCOS

Atribui a cada risco um valor, estatístico ou estimado, que represente a probabilidade de ocorrência da interação entre a ameaça e a vulnerabilidade consideradas:

PROBABILIDADE	VALOR
Ocorrência frequente; comum.	Muito provável - MPV
Ocorrência eventual; poderá ocorrer algumas vezes.	Eventual - EVT
Ocorrência extraordinária; possível, porém difícil.	Remoto - RMT
Probabilidade tendendo a zero; assume-se como desprezível.	Improvável - IPV

Com o objetivo de tornar o dimensionamento do fator probabilidade menos aleatório, bem como minimizar erros de estimativa, o uso de dados referentes ao Histórico de Ocorrência (HO) e à Deficiência dos Meios de Proteção (DMP), adequadamente processados, representam uma informação que possibilitará a indicação de um valor mais coerente com o risco envolvido.

Nível	Histórico de Ocorrências (HO) ⁽¹⁾
H1	até 1
H2	entre 2 e 4
H3	5 ou mais

(1) - Quantidade de ocorrências relevantes relacionadas ao respectivo risco nos últimos 5 anos.

Nível	Deficiência dos Meios de Proteção (DMP)
D1	Ausência de meios de proteção
D2	Protegido com portas e janelas com dispositivos de trancamento (fechaduras/cadeados)
D3	Nível D2 + grades ou sensores de detecção de intrusão e alarmes e adequada iluminação de segurança
D4	Nível D3 + vigilância eletrônica e controle de acesso ou vigilância humana (Sentinela)

MATRIZ DE PROBABILIDADE:

DPM►	D1	D2	D3	D4
HO▼				
H1	MPV	MPV	EVT	RMT
H2	MPV	EVT	RMT	IPV
H3	EVT	RMT	IPV	IPV

A utilização da presente matriz para dimensionamento das probabilidades dos riscos não deve ignorar os conhecimentos de Inteligência. Dados conhecidos sobre iminentes ações ou planejamentos em andamento elevam as probabilidades de ocorrência.

5.2 DIMENSIONAMENTO DOS DANOS

Atribui a cada risco um valor que represente o pior efeito presumível da interação entre a ameaça e a vulnerabilidade consideradas:

DANO	VALOR
Deterioração de áreas, instalações, atividades ou recursos, que elimine a capacidade de desempenho da missão da OM com eficácia, por um período inaceitável; Morte ou invalidez permanente de recursos humanos; Perda ou dano reversível de recursos materiais, que importe em alto ônus financeiro para a reposição ou recuperação; Perda ou comprometimento de conhecimento ultra-secreto ou secreto ; Danos significativos ao meio ambiente; Implica em processo jurídico; ou Denigre a imagem das Instituições Militares, do Comando da Aeronáutica ou da OM junto à população.	Grave GRV
Deterioração de áreas, instalações, atividades ou recursos, que reduza a capacidade de desempenho da missão da OM com eficácia, por um período inaceitável; Ferimento de recursos humanos; Perda ou dano reversível de recursos materiais, que importe em mediano ônus financeiro para a reposição ou recuperação; Perda ou comprometimento de conhecimento reservado; Danos medianos ao meio ambiente; Pode implicar em processo jurídico; ou Pode denegrir a imagem das Instituições Militares, do Comando da Aeronáutica ou da OM junto à população.	Médio MED
Deterioração de áreas, instalações, atividades ou recursos que não afete a capacidade de desempenho da missão da OM com eficácia; Perda ou dano reversível dos recursos materiais, que importe em pequeno ônus financeiro para a reposição ou recuperação; ou Danos leves ao meio ambiente.	Reduzido RDZ

Assim, por intermédio de uma matriz de dupla entrada, temos:

PROBABILIDADE►	MPV	EVT	RMT	IPV		RISCO	CLASSIFICAÇÃO
DANO▼							
GRV	4	4	3	2	onde:	4	Inaceitável
MED	4	3	2	1		3	Alto
RDZ	3	2	1	1		2	Médio
						1	Baixo

6 FORMULAÇÃO DE MEDIDAS DE SEGURANÇA DAS INSTALAÇÕES

A formulação de medidas de Segurança das Instalações consiste na correta definição da TAREFA a realizar, com o PROPÓSITO de eliminar ou mitigar os riscos.

Não há vínculo entre a classificação do risco e a complexidade da solução de segurança das instalações adequada à sua eliminação ou mitigação.

Para possibilitar uma visão hierarquizada dos riscos, de modo a permitir o emprego priorizado dos recursos na formulação das medidas de Segurança das Instalações, é importante a comparação da Matriz de Gerenciamento de Risco, considerando dois momentos - antes e depois da aplicação das medidas mitigadoras, conforme exemplificado a seguir.

Matriz de Gerenciamento de Risco anterior à aplicação das medidas mitigadoras

PROBABILIDADE	MPV	EVT	RMT	IPV
DANO				
GRV			Id.2 – Id.3	Id.4
MED			Id.1	
RDZ				

- Neste exemplo, os Id 1 a 4 seriam referentes aos pontos analisados e inclusos na Matriz de Gerenciamento (Identificação da Ameaça e Percepção do Risco).

Matriz de Gerenciamento de Risco posterior à aplicação das medidas mitigadoras

PROBABILIDADE	MPV	EVT	RMT	IPV
DANO				
GRV				Id.2 – Id.3 – Id.4
MED				Id.1
RDZ				

- Após a aplicação das medidas detalhadas na Ficha de Medidas de Segurança das Instalações espera-se que os Id 1 a 4 adquiram nova classificação de risco.

O Comandante da OM também poderá determinar o estabelecimento de uma diagonal de risco, que norteará o planejamento e a alocação dos recursos disponíveis.

Diagonal de Risco - Definida pelo Comandante

PROBABILIDADE ►	MPV	EVT	RMT	IPV		RISCO	CLASSIFICAÇÃO
DANO ▼						4	Inaceitável
GRV	4	4	3	2	onde:	3	Alto
MED	4	3	2	1		2	Médio
RDZ	3	2	1	1		1	Baixo

No caso de um complexo de OM, no qual se tenha uma OM sede, cada OM sediada deverá apresentar suas Matrizes de Gerenciamento de Risco, de acordo com as peculiaridades de suas missões e grau de importância atribuído a suas instalações. Essas matrizes integrarão o planejamento geral de Seg Inst de todo complexo abrangido pela OM sede.

O Resultado desse trabalho, coordenado pela Comissão de Segurança Orgânica e Defesa, composta por representantes de cada OM sediada e dos diferentes setores da OM sede, fundamentará o PSOD.

7 OPERACIONALIZAÇÃO E CONTROLE

7.1 DECISÃO

A decisão final sobre as medidas de Seg Inst a serem implantadas cabe ao Cmt/Ch/Dir OM, uma vez que sua responsabilidade estende-se, inclusive, às variáveis e consequências não consideradas no planejamento.

A decisão do Cmt/Ch/Dir OM é expressa na Matriz de Gerenciamento de Risco de Segurança das Instalações (Anexo A) e na Ficha de Medidas de Seg Inst - FMSI (Anexo B), que contém dados fundamentais ao processo decisório, tais como:

identificação da solução de Seg Inst	data da última avaliação	ameaça considerada e seus elementos constituintes
vulnerabilidade constatada	avaliação de risco pelo planejador	avaliação de risco pelo Cmt/Ch/Dir OM
solução aprovada pelo Cmt/Ch/Dir OM	responsáveis pela implantação	prazos
data em que nova avaliação deve ser procedida	corolários da solução nas dimensões humana, metodológica e material (FMSI)	assinaturas do responsável pelo planejamento e do Cmt/Ch/Dir OM

A determinação do prazo para a efetiva implantação de cada solução de segurança de instalações deve ser coerente com o grau de risco considerado.

Todos os riscos devem ser lançados da Matriz de Gerenciamento, sendo obrigatória a mitigação daqueles que estejam acima da diagonal estabelecida pelo Comandante, o que ensejará uma FMSI para cada um deles.

7.2 IMPLANTAÇÃO E VALIDAÇÃO

A implantação é a etapa em que as medidas aprovadas passam a fazer parte da realidade da OM e demandam um trabalho de preparação do pessoal e da infra-estrutura, após o que o sistema deve ser totalmente testado, para sua validação e, somente depois de corrigidas eventuais falhas, considerado implantado.

A implantação compreende, ainda, a atualização ou elaboração de todas as Normas Padrão de Ação (NPA) decorrentes.

7.3 AValiação e APERFEIÇOAMENTO

O planejamento de Seg Inst deve ter caráter dinâmico e constituir alvo de avaliação e atualização em intervalo não superior a um ano, bem como em decorrência da implementação de novas medidas de Seg Inst ou alteração dos dados de planejamento.

As inspeções de Seg Inst são instrumentos de verificação da eficiência das soluções implantadas que fornecem relevantes dados para a avaliação e aperfeiçoamento da Seg Inst. São realizadas por iniciativa da própria OM ou de outras que lhe sejam sistemicamente superiores em intervalos não superiores a um ano.

Diante disso, é recomendável que o Relatório de Vulnerabilidade da OM seja anualmente atualizado, salvo quando acontecimentos extraordinários exijam a sua adequação em menor prazo.

No âmbito de cada OM, a implantação de soluções de Seg Inst, nos prazos previstos nas Matrizes de Gerenciamento de Riscos de Seg Inst e respectivas FMSI implicarão nas suas atualizações.

As Medidas de Segurança das Instalações alteram o cenário vigente e, em decorrência, as ameaças e vulnerabilidades, podendo, inclusive, contribuir para eliminar ou mitigar riscos diversos ou, em situação oposta, originar novos riscos. Assim, torna-se fundamental considerar o impacto originado por cada uma das soluções adotadas.

Resultados de ocorrências, estudos de casos, simulações e inspeções de Seg Inst são instrumentos de que devem dispor os responsáveis pela avaliação do sistema e proposição de atualizações.

Outro importante instrumento a ser implantado e considerado é a **Ficha de Prevenção de Risco de Segurança das Instalações** (Anexo C) que, além de incentivar a participação e o envolvimento do efetivo, permite uma antecipação à identificação das ameaças à Seg Inst.

8 DISPOSIÇÕES FINAIS

As situações não contempladas por esta ICA devem ser encaminhadas à apreciação do COMPREP.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Estado-Maior da Aeronáutica. **Doutrina Básica da Força Aérea Brasileira – Volume I**: DCA 1-1. Brasília, 2020.

BRASIL. Estado-Maior da Aeronáutica. **Doutrina Básica da Força Aérea Brasileira – Volume II**: DCA 1-1. Brasília, 2020.

BRASIL. Comando de Preparo. **Conceito de Emprego da Infantaria da Aeronáutica**: DCA 125-5. Brasília, 2019.

BRASIL. Comando de Preparo. **Segurança Eletrônica**: MCA 205-1. Brasília, 2021.

Anexo A - Matriz de Gerenciamento de Risco

IDENTIFICAÇÃO DA AMEAÇA E PERCEPÇÃO DO RISCO									
Id	Ator capaz	Ameaça		Vulnerabilidade	Percepção do risco	Probabilidade	Dano	Avaliação	
		Motivação	Ação antagônica					Resp	Cmt

MITIGAÇÃO E PRAZOS						
Id	Medidas de Segurança e Defesa					
	Síntese da medida a ser implantada			Após		Próxima Avaliação
				Probabilidade	Dano	

Data e Local

Proponente:

Nome Completo Posto
Cargo

Aprovo:

Nome Completo Posto
Cmt/Ch/Dir OM

Anexo B - Ficha de Medidas de Segurança das Instalações - FMSI

FMSI (nº/ano)

Data:

Nº identificação do risco: _____	Detalhamento das ações	Prazo	Responsável
	Dimensão Humana:		
	Dimensão Metodológica:		
	Dimensão Material:		

Data e Local

Proponente:Nome Completo Posto
Cargo**Aprovo:**Nome Completo Posto
Cmt/Ch/Dir OM

Continuação do Anexo C – Ficha de Prevenção de Risco de Segurança das Instalações**PARECER DO OSO E RECOMENDAÇÕES****SOLUÇÃO / RECOMENDAÇÕES DE SEG INST / DIVULGAÇÃO**

NOME / POSTO (CMT DA OM)

ASSINATURA

Anexo D - Relatório de Vulnerabilidades

MATERIAL DE ACESSO RESTRITO
 Art. 44, 45 e 46 da Decreto nº 7.843, de 14 de novembro de 2012
 NÍVEL 1

MINISTÉRIO DA DEFESA COMANDO DA AERONÁUTICA OM USEGDEF <small>(caso haja)</small>		
DOCUMENTO Nº	EMIÇÃO	VALIDADE
ASSUNTO		OM
Relatório de Vulnerabilidades		

Índice

1 DISPOSIÇÕES INICIAIS.....	2
1.1 FINALIDADE.....	2
1.2 OBJETIVO.....	2
1.3 REFERÊNCIAS.....	2
2 DISPOSIÇÕES GERAIS.....	3
2.1 ESTUDO DO CENÁRIO.....	3
2.1.1 VARIÁVEIS INTERNAS.....	3
2.1.1.1 Localização.....	3
2.1.1.2 Missão.....	3
2.1.1.3 Histórico de ocorrências.....	3
2.1.1.4 Estrutura Organizacional.....	3
2.1.1.5 Rotina.....	4
2.1.1.6 Vias e pontos de acessos.....	4
2.1.1.7 Detecção, controle e reação.....	4
2.1.1.8 Doutrina e Treinamento.....	5
2.1.1.9 Situação Futura.....	5
2.1.2 VARIÁVEIS EXTERNAS.....	6
2.1.2.1 Condições ambientais.....	6
2.1.2.2 Situação Local das expressões do Poder Nacional.....	6
3 DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS.....	7
3.1 GERENCIAMENTO DOS RISCOS.....	7
4 DISPOSIÇÕES FINAIS.....	7

MATERIAL DE ACESSO RESTRITO
 Art. 44, 45 e 46 da Decreto nº 7.843, de 14 de novembro de 2012
 NÍVEL 1

Continuação do Anexo D - Relatório de Vulnerabilidades

MATERIAL DE ACESSO RESTRITO
Art. 44, 45 e 46 da Decreto nº 7.845, de 14 de novembro de 2012
NÍVEL 1

Página 2 de 7

MINISTÉRIO DA DEFESA COMANDO DA AERONÁUTICA USEGDEF		
DOCUMENTO Nº	EMIÇÃO	VALIDADE
ASSUNTO		OM
Inspeção de Segurança e Defesa		
ANEXOS		
A	Gerenciamento do risco	
B	Valores de referência	

1 DISPOSIÇÕES INICIAIS

1.1 FINALIDADE

Realizar análise da Segurança das Instalações da *Organização Militar* subordinada integrante da GUARNAER-XX.

1.2 OBJETIVO

Identificar as vulnerabilidade relacionadas à Segurança das Instalações e propor as medidas mitigatórias específicas ao comandante da OM inspecionada.

1.3 REFERÊNCIAS

- a) DCA 205-4 – Segurança e Defesa no Comando da Aeronáutica;
- b) ICA 205-45 – Planejamento de Segurança das Instalações; e
- c) MCA 205-1 - Segurança Eletrônica.

MATERIAL DE ACESSO RESTRITO
Art. 44, 45 e 46 da Decreto nº 7.845, de 14 de novembro de 2012
NÍVEL 1

Continuação do Anexo D - Relatório de Vulnerabilidades

Página 3 de 7

MATERIAL DE ACESSO RESTRITO
Art. 44, 45 e 46 da Decreto nº 7.845, de 14 de novembro de 2012
NÍVEL 1

2 DISPOSIÇÕES GERAIS**2.1 ESTUDO DO CENÁRIO**

Tem por objetivo o levantamento das variáveis internas e externas e a maneira como influenciam a Segurança das Instalações, haja vista que as características do meio mudam com celeridade, o que implica na constante necessidade de percepção e adaptação.

Na existência de mudanças significativas do cenário abaixo relatado, o comandante da OM poderá solicitar a atualização deste relatório antes do seu vencimento.

2.1.1 VARIÁVEIS INTERNAS**2.1.1.1 Localização**

a) Coordenada Geográfica:

-

b) Logradouro:

-

c) Referências:

-

2.1.1.2 Missão

Descrever missão da OM

2.1.1.3 Histórico de ocorrências

Descrever a existência de histórico de ocorrências relacionados à Seg Inst (últimos 5 anos)

2.1.1.4 Estrutura Organizacional

a) Layout das instalações:

Descrever a divisão por setores administrativos e operacionais – identificar as edificações por fotos

MATERIAL DE ACESSO RESTRITO
Art. 44, 45 e 46 da Decreto nº 7.845, de 14 de novembro de 2012
NÍVEL 1

Continuação do Anexo D - Relatório de Vulnerabilidades

MATERIAL DE ACESSO RESTRITO
Art. 44, 45 e 46 da Decreto nº 7.845, de 14 de novembro de 2012
NÍVEL 1

Página 4 de 7

b) Atividades por instalação

Descrever as atividades realizadas nas instalações (Administrativas e Operacionais)

c) Pontos sensíveis e críticos

- Descrever os pontos sensíveis e críticos (fotos ou croquis)

- Compor a tabela de análise de pontos com vistas às suas classificações.

<i>Nome do Ponto</i>	<i>Meio de Proteção</i>	<i>Situação em Inoperância</i>	<i>Medida alternativa</i>	<i>Classificação</i>

2.1.1.5 Rotina

a) Horários de expediente e turnos de trabalho

Descrever os horários de turno e expediente da OM, inclusive o do início do movimento

b) Efetivo militar e/ou civil por expediente ou turnos

Descrever a quantidade ou percentual de militares ou civil por turno ou expediente

c) Serviços terceirizados

Descrever os serviços prestados por terceiros à OM, registrando se tais serviços são prestados dentro ou fora do expediente

2.1.1.6 Vias e pontos de acessos

a) Vias de entrada e saída

Descrever as principais vias de chegada e saída à OM (se estrada, avenida, pavimentada, sentido único ou duplo, etc... (fotos ou croquis)

b) Movimentos de pessoas e veículo (Portões)

Descrever os acessos de pessoas e veículos. Se usam o mesmo portão ou acessos diferentes. Listar quantas entradas possui a OM e quais delas possuem Guardas ativa. Determinar os horários de maior fluxo de veículos e pessoas na entrada e saída da OM.

2.1.1.7 Detecção, controle e reação

a) Postos de serviço

MATERIAL DE ACESSO RESTRITO
Art. 44, 45 e 46 da Decreto nº 7.845, de 14 de novembro de 2012
NÍVEL 1

Continuação do Anexo D - Relatório de Vulnerabilidades

Página 5 de 7

MATERIAL DE ACESSO RESTRITO
Art. 44, 45 e 46 do Decreto nº 7.845, de 24 de novembro de 2012
NÍVEL 1

Descrever todos os postos de serviço e quais armamentos utilizados (sfrc). Relatar quem é o responsável pelo serviço (oficial de dia ou fiscal de dia) – (fotos ou croquis ou tabelas)

b) Controle de acesso (principal e prédios)

Descrever de que maneira é realizado os controles de acesso principal e dos prédios (fotos ou croquis)

c) Sistema de monitoramento e alarmes

Descrever se há sistema de monitoramento e alarme e qual a natureza dos mesmos. Relatar quem faz o monitoramento e de que maneira (fotos ou croquis)

d) Barreiras Perimetrais

Descrever a existência de barreiras perimetrais, seus tipos, tais como cercas, muros, concertinas, ofendículos, tecnologias embarcadas (infrared, elétrica, sensores), bem como sua integridade (fotos ou croquis)

e) Arruamentos internos

Descrever se há arruamentos internos circundando o perímetro (de modo a permitir o alcance por caminho, no mínimo carroçável, a qualquer ponto) ou apenas entre os prédios administrativos e operacionais.

f) Equipes de Reação

Descrever quais ER existem. Se há Guarda Armada e qual o treinamento para a reação.

2.1.1.8 Doutrina e Treinamento**a) Legislação Operacional de SEG DEF**

Descrever se há de fácil acesso as NOSDES PRO. Relatar se há NPA de serviço de SEG DEF e se as mesmas possuem validade de no máximo dois anos.

b) Capacidade operacional do efetivo em SEG DEF

Descrever qual a natureza da capacidade operacional do efetivo. Se possuem especialistas em segurança e quais os seus treinamentos

c) Programas de treinamento do efetivo em Segurança e Defesa

Descrever se há algum treinamento relativo à SEG DEF, ou quanto as situações de alerta ou plano de reunião.

d) Oficial de Segurança Orgânica da OM

Descrever se há OSO na OM e se o mesmo se encontra publicado em Bol Int.

MATERIAL DE ACESSO RESTRITO
Art. 44, 45 e 46 do Decreto nº 7.845, de 24 de novembro de 2012
NÍVEL 1

Continuação do Anexo D - Relatório de Vulnerabilidades

MATERIAL DE ACESSO RESTRITO
Art. 44, 45 e 46 do Decreto nº 7.047, de 14 de novembro de 2012
MTR-EL-1

Página 6 de 7

2.1.1.9 Situação Futura**a) Previsão de expansão/desativação**

Descrever se há planos no sentido de se expandir/desativar a OM e qual o prazo.

b) Natureza da expansão/desativação

Caso haja expansão/desativação, descrever qual a natureza da mesma, ou seja, se agregará/subtrairá novas áreas, prédios, competências e seu impacto na missão da OM

Caso não, relatar "Não se aplica"

2.1.2 VARIÁVEIS EXTERNAS**2.1.2.1 Condições ambientais**

Descrever as condições de terreno, relevo, vegetação, hidrografia, vias de acesso, natureza do solo, observação e campos de tiro, edificações, acidentes capitais e seus impactos nas operações de SEG DEF, tais como enchentes, calamidade pública, facilidades de acesso, etc...

2.1.2.2 Situação Local das expressões do Poder Nacional**a) Militar**

Descrever o apoio e proximidade das Forças militares e auxiliares

b) Político

Descrever a situação política da região que impacte a OM, lideranças comunitárias

c) Econômica

Descrever a estrutura econômica do bairro (renda per capita estimada), desemprego, recursos de valor agregado

d) Psicosocial

Descrever tensões externas com implicações internas – vulnerabilidade social

MATERIAL DE ACESSO RESTRITO
Art. 44, 45 e 46 do Decreto nº 7.047, de 14 de novembro de 2012
MTR-EL-1

Continuação do Anexo D - Relatório de Vulnerabilidades

Página 7 de 7

MATERIAL DE ACESSO RESTRITO
Art. 44, 45 e 46 do Decreto nº 7.845, de 14 de novembro de 2012
NIVEL 1

e) Científico-tecnológica

*Descrever dependência de recurso ou mão-de-obra especializada externa***3 DISPOSIÇÕES TRANSITÓRIAS****3.1 GERENCIAMENTO DOS RISCOS**

Conforme desenvolvido nos anexos A e B.

4 DISPOSIÇÕES FINAIS

4.1 Este relatório atualiza quaisquer relatórios anteriores de inspeção de Segurança das Instalações, relativos a esta OM.

4.2 É competência do comandante da OM inspecionada implementar as ações sugeridas no Gerenciamento dos Riscos.

Inspetores Responsáveis	Visto
Período de realização da inspeção:	

Proponente:

Nome Completo do Presidente da CSOD Posto Quadro
Presidente da CSOD

Aprova:

Nome Completo do Cmt OM Posto Quadro
Comandante da OM

MATERIAL DE ACESSO RESTRITO
Art. 44, 45 e 46 do Decreto nº 7.845, de 14 de novembro de 2012
NIVEL 1

Continuação do Anexo D - Relatório de Vulnerabilidades

Anexo A – Gerenciamento do Risco

Mitigação e Prazos

Id	Medidas de Segurança e Defesa				
	Síntese da medida a ser implantada	Após		Prazo Implantação (dias)	Próxima Avaliação
		Probabilidade	Dano		

Matriz de Risco após mitigação

PROBABILIDADE ➡	MPV	EVT	RMT	IPV
DANO ↓				
GRV				
MED				
RDZ				

Risco aceitável = Médio

PROBABILIDADE ➡	MPV	EVT	RMT	IPV	onde:	RISCO	CLASSIFICAÇÃO
DANO ▼							
GRV	4	4	3	2		4	Inaceitável
MED	4	3	2	1		3	Alto
RDZ	3	2	1	1		2	Médio
						1	Baixo

Continuação do Anexo D - Relatório de Vulnerabilidades

Anexo A – Gerenciamento do Risco

Ficha de Medidas de Segurança das Instalações

Nº Identificação do risco: _____	Detalhamento das ações	Prazo	Responsável
	Dimensão Humana:		
	Dimensão Metodológica:		
	Dimensão Material:		

Tabela de Conceituações

ATORES CAPAZES	
Termo	Descrição
Público Interno	Militares e funcionários civis integrantes do COMAER, ativos ou inativos, bem como seus respectivos dependentes e pensionistas
Público Externo	Cessionários, fornecedores e demais elementos ou organizações que possuam vínculos com o COMAER
Forças ou Elementos adversos	Organizações ou elementos criminosos nacionais e transnacionais, dedicados à prática de ilícitos graves (com ou sem cunho ideológico)
Forças ou Elementos Oponentes	forças regulares ou paramilitares estrangeiras (hipóteses de emprego)
MOTIVAÇÕES	
dinheiro, sexo, falta de afeto, busca de poder, ideologia, avareza, doença, ego, ódio, fuga, desejo de aventura, ingratidão, psicopatias, álcool, drogas, narcisismo, cobiça, vingança, raiva e insatisfação	
AÇÕES ANTAGÔNICAS	
Público Interno e Externo	dano doloso ao patrimônio, furto ou roubo, desvio, ocultação e comércio de material pertencente ao COMAER, inclusive armas e munições; agiotagem; estelionato; falsidade ideológica; fraude, inclusive de concursos de admissão; homicídio e tráfico, posse e uso de entorpecentes
Forças ou Elementos adversos	invasão de OM para roubo de armas e munições; homicídio, invasão e ocupação de áreas e instalações, narcotráfico e bloqueio de vias de circulação.
Forças ou Elementos Oponentes	Possibilidades do Inimigo (Exame de Situação do PPC Aer)

Continuação do Anexo D - Relatório de Vulnerabilidades

Anexo B – Valores de Referências

Avaliação do RISCO

PROBABILIDADE	VALOR
Ocorrência freqüente; comum.	Muito Provável - MPV
Ocorrência eventual; poderá ocorrer algumas vezes.	Eventual - EVT
Ocorrência extraordinária; possível, porém difícil.	Remoto - RMT
Probabilidade tendendo a zero; assume-se como desprezível.	Improvável - IPV

DANO	VALOR
Deterioração de áreas, instalações, atividades ou recursos, que elimine a capacidade de desempenho da missão com eficácia, por um período inaceitável; Morte ou invalidez permanente de recursos humanos; Perda ou dano reversível de recursos materiais, que importe em alto ônus financeiro para a reposição ou recuperação; Perda ou comprometimento de conhecimento ultra-secreto ou secreto ; Danos significativos do meio ambiente; Implica em processo jurídico; ou Denigre a imagem das Instituições Militares, do Comando da Aeronáutica ou da OM junto à população.	Grave GRV
Deterioração de áreas, instalações, atividades ou recursos, que reduza a capacidade de desempenho da missão com eficácia, por um período inaceitável; Ferimento de recursos humanos; Perda ou dano reversível de recursos materiais, que importe em mediano ônus financeiro para a reposição ou recuperação; Perda ou comprometimento de conhecimento reservado ; Danos medianos ao meio ambiente; Pode implicar em processo jurídico; ou Pode denegrir a imagem das Instituições Militares, do Comando da Aeronáutica ou da OM junto à população.	Médio MED
Deterioração de áreas, instalações, atividades ou recursos que não afete a capacidade de desempenho da missão com eficácia; Perda ou dano reversível dos recursos materiais, que importe em pequeno ônus financeiro para a reposição ou recuperação; ou Danos leves do meio ambiente.	Reduzido RDZ

PROBABILIDADE ► DANO ▼	MPV	EVT	RMT	IPV
GRV	4	4	3	2
MED	4	3	2	1
RDZ	3	2	1	1

onde:

RISCO	CLASSIFICAÇÃO
4	Inaceitável
3	Alto
2	Médio
1	Baixo